



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Victoria Eloá Galdino de Santana

A fanfic, o folhetim e o prazer da leitura

Recife
2024

Victoria Eloá Galdino de Santana

***A fanfic*, o folhetim e o prazer da leitura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito parcial
para aprovação na disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso II.
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Postal

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santana, Victoria Eloá Galdino de.

A fanfic, o folhetim e o prazer da leitura / Victoria Eloá Galdino de
Santana. - Recife, 2024.

34 p.

Orientador(a): Ricardo Postal

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura,
2024.

Inclui referências.

1. Fanfiction. 2. Folhetim. 3. Literatura comparada. 4. Estética da recepção.
5. Ensino e aprendizagem. I. Postal, Ricardo. (Orientação). II. Título.

890 CDD (22.ed.)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 A fanfic e o folhetim.....	9
3 O prazer da leitura, em tese.....	25
4 Uma abordagem educacional.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender as possibilidades de inserção do gênero *fanfiction* na sala de aula como uma continuidade — historicamente observada — do folhetim, para auxiliar no ensino de literatura romântica, com base numa análise das similaridades e diferenças entre as características que moldam a *fanfic* e o folhetim, — principalmente em forma e elementos textuais, como as reviravoltas, *cliffhangers* e *flashbacks* — e de que maneiras esses dois gêneros se relacionam ao longo do tempo. E, através dessa análise, refletir sobre a importância da afetividade na leitura literária e produção textual na escola por meio da inserção da *fanfic* na era das tecnologias da informação e comunicação. Assim, a partir do princípio de que a Literatura não deve permanecer num pedestal intocável e ser formada apenas pelo cânone regurgitado no ambiente escolar, do contrário, deve pertencer a quem a consome, a intenção é sugerir mais uma possibilidade de leitura e produção textual na escola, mais próxima do aluno, que o incentive a modelar a literatura entre suas mãos e mentes.

Palavras-chave: Fanfiction; Folhetim; Estética da Recepção; Ensino; Escrita; Literatura.

ABSTRACT: This dissertation aims to understand the insertion possibilities of the fanfiction genre in the classroom, as a continuous — historically observed — to the newspaper serial (feuilleton), to help in the romantic literature teaching, based on the analysis of the differences and similarities between the characteristics that shape both genres — especially in form and textual elements, such as plot twists, cliffhangers and flashbacks — and in which ways these genres can relate over time. And, through this analysis, reflect about the importance of affectivity in literary reading and writing at school by meaning to insert fanfic in the era of information and communication technologies. Thus, starting by the principle that Literature must not stay in an untouchable pedestal and be made by only the regurgitated canon on school environment, on the contrary, it should belong to those who consume it, the intention is to suggest another possibility of reading and writing in school, closer to the student, in a way that encourages them to shape literature between their hands and minds.

Keywords: Fanfiction; Feuilleton; Aesthetics of Reception; Teaching; Writing; Literature.

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo a Ricardo Postal, que fez de mim e de minhas amigas eternas *postalers*, tamanho o acolhimento, carinho -- e no meu caso especificamente, paciência -- com os quais nos presenteou. Ser sua orientanda me pareceu inevitável e tenho muito orgulho de agora poder dizer que estive debaixo de sua asa, e que não há lugar melhor para se estar na UFPE. Agradeço também aos demais professores que encontrei na UFPE e que foram bálsamos em meio àquele ambiente, por vezes, inóspito. Candy, Marcela, Raíra, Fábio, Flaviano, Natasha, Aline, vocês me deram a oportunidade de brincar com a língua, e, nessa jornada, fazer dela verdadeiramente minha não teria sido possível sem a presença de cada um de vocês. Se eu puder ser 1% do que vocês foram para mim, terá sido suficiente.

À meu grande amor, Luisa. A gente brincava que você deveria se formar em Letras por osmose, e no fim, foi quase isso mesmo. Sigamos inefáveis, *ma femme*. O encontro das nossas almas é algo nunca antes previsto, e ainda assim, eu te esperei desde que nasci. Obrigada, por me conhecer e ainda assim, decidir ficar.

À Gabriel, que chegou no finzinho e abalou uma ou outra estrutura ao que criava novas. Não comecei essa jornada com você, mas te agradeço por estar aqui no fim dela. Você é docinho que nem areia morna no fim da tarde. Obrigada.

Às graduandas em circo (somos e fomos muitas): Bea, Debo, Lívia, Bárbara, Marcelinha, Clara, Let (sucesso na sua nova jornada, amor!), muito obrigada por serem colo nos corredores abafados do CAC e fora deles também. Perdi as contas de quantas vezes vocês me salvaram e me aborreceram, e sou muito grata por cada uma delas. Vocês me fizeram menos solitária e me convenceram de que a vida apesar de amarga tinha um ou outro toque de leite e mel. Guardarei vocês para sempre no meu coraçãozinho preto e esturricado.

À Juli (amo você, sem ressalvas), Yasmim as raízes e suas muitas alcunhas (uma das coisas que temos em comum), Yasmim cantora (que presente é você! como pode caber tanta riqueza vivencial num corpinho tão diminuto?), Greicinha (no fundo dos seus olhinhos marrons tem muito amor, e eu o sinto), Lari (sua linda!), Emília (facilmente a mulher mais chique que já conheci) e tantas outras mulheres incríveis

que conheci nessa graduação, obrigada por embelezarem meus dias e enriquecerem minha mente.

À minha mãe, que fez e segue fazendo tudo ser possível na minha vida desde uma certa tarde de protestos no Hospital das Clínicas, mais de vinte anos atrás. A meu pai, por não ter totalmente apoiado nada do que eu já quis fazer, e mesmo assim nunca ter dito nada a respeito. Seu silêncio foi ouvido e engatilhou muito do que produzi, fiz, li, me tornei, desde que, quando criança, cortei meu cabelo sozinha pela primeira vez porque você tinha se recusado a fazê-lo e nunca brigou comigo por isso. Amo vocês, para sempre. Obrigada por tanto trabalho e tanta dor que vocês aguentaram por mim. Espero que não tenha sido em vão. Vou fazer o possível para que não seja.

À todos os artistas que me alimentaram até aqui: valeu mesmo! A arte humaniza, de fato, e sem ela, eu não faço ideia do que teria sido de mim.

E por fim, gostaria de agradecer a mim. Correndo o risco de soar prepotente, eu não estaria aqui se não fosse eu; extremamente teimosa e cabeça dura, me forcei a continuar viva, mesmo sem poder saber no que ia dar. E deu nisso: fui tão cercada de amor que superei as minhas expectativas do que a vida seria, se é que "minha" e "vida" seria. Me sinto mais velha a cada dia que passa e nunca pensei que isso seria algo bom. Então, obrigada também, eu.

Quem diria? (Eu, não).

1. INTRODUÇÃO

Busca-se por meio deste trabalho retomar a discussão sobre as semelhanças e diferenças entre o processo de produção de escrita — e divulgação — das *fanfictions*, gênero digital, com o folhetim, como inicialmente apresentada por SILVEIRA (2018). E, com base nessa discussão, encontrar maneiras de inserir a fruição de tal literatura, que é notoriamente recente e atinge, em sua maioria, o público jovem e feminino, no ensino de literatura romântica.

O dicionário Aurélio (2010) entende folhetim como uma “seção literária de um periódico que ocupa, de ordinário, a parte inferior de uma página; gazetilha.” ou ainda “fragmento de romance publicado em um jornal dia a dia, suscitando o interesse do leitor.” Sendo de origem francesa, o folhetim vem de *feuilleton*, que significa “publicação pequena, de até oito páginas” e deriva de *feuille*, “folha”.

Já Zappone (2008) define fanfics como “produções narrativas veiculadas por sites que publicam contos, romances ou histórias em quadrinhos que exploram um certo gênero ou uma certa personagem.” (p. 32) e Sampaio (2020) considera-as ainda

textos produzidos por fãs de determinadas obras para dar continuidade a histórias, mudar finais, criar novos enredos para personagens específicos e tudo que a criatividade dos autores alcançar diante de uma obra original da qual eles são bastante fãs. (p. 316-317)

A leitura e produção de fanfics, como a de qualquer literatura, é caracteristicamente gratuita e parte do princípio do lazer, como posto por Zappone (2008), enquanto a leitura e produção textual que toma lugar nas escolas públicas brasileiras, na prática, tende a ser vista pelas lentes da obrigação, de fazer o que se exige, em boa medida pela nota na avaliação.

Portanto, inserir a *fanfic*, que possui um forte aspecto afetivo, tanto na produção quanto na leitura, no ensino de literatura pode trazer os alunos para mais perto do prazer de ler e escrever. Sendo os alunos leitores e escritores independentes e autônomos, a fanfic é um campo que possibilita que a fruição, a autonomia e o prazer da leitura aconteçam, visto que, de maneira geral, os alunos tendem a se sentir distantes do aprendizado escolar.

A professora Maria Vilani Soares, da UFPI, em seu artigo *Por que nossos alunos não gostam de ler?* explica que:

Ocorre, pois, uma descaracterização do texto como elemento comunicativo, pois o aluno não sabe por que leu, desconhece quem escreveu, não tem ideia da finalidade da leitura e não percebe sua importância como coautor do texto, ou seja, inexistente a interação texto-leitor imprescindível para o entendimento da mensagem. Os livros com os quais os alunos têm contato passam a ser apenas material de trabalho nas aulas de Português, e sua leitura será avaliada, invariavelmente, por meio de provas e testes. O desinteresse dos alunos diante do livro acontece devido à automatização da leitura expressa nas questões objetivas e repetitivas presentes nas avaliações. Como exemplo, temos as chamadas "fichas de leitura", que acompanham os livros paradidáticos, que são definidas por editoras e alguns professores como guias ou roteiros. (2015, s/p)

Pode-se argumentar que os motivos para o distanciamento e falta de envolvimento dos alunos para com a leitura na escola variam desde a barreira linguística — os alunos se queixam das “palavras difíceis” dos clássicos literários — até uma falta de engajamento própria da grade curricular, que tende a dar preferência à parte gramatical do ensino de língua, o que faz com que a aula de literatura, por vezes, sequer exista.

Não consigo lembrar de uma única vez durante o meu ensino básico em que algum professor tenha me perguntado se gostei de alguma obra que fui incutida a ler para responder a um questionário. Gostar, me identificar, querer discutir e debater, era quase que accidental. Horellou-Lafarge e Segré (2010) explicitam:

A relação entre instituição escolar e atividade de leitura é complexa: varia conforme os indivíduos e seu meio social de origem, e conforme suas representações da instituição e dos professores. A escola dá condições de adquirir as aptidões necessárias para ler, é uma instância que dá legitimidade às leituras, mas, devido às normas que transmite, às coerções diretas e indiretas que exerce, corre o risco, ao mesmo tempo, de criar entraves para uma possibilidade de leitura como prazer e distração. (p. 89)

Dessa maneira, se a aula de literatura chega a existir, ela se perde na historiografia literária, na importância do cânone e nos estilos literários de época. De fato, esses conceitos são necessários para o aprendizado, mas qual espaço sobra na grade curricular para o deleite da leitura?

Dentre os estilos de época normalmente estudados na escola, aprendemos que o Romantismo enquanto movimento literário é um dos mais influentes da história, como expõe Nunes (2002):

No movimento romântico, que se desenvolveu entre as duas últimas décadas do século XVIII e os fins da primeira metade do século XIX, quando, num período de cronologia oscilante verificou-se a grande ruptura com os padrões do gosto clássico, prolongados através do neoclassicismo iluminista, fundiram-se várias fontes filosóficas, estéticas e religiosas próximas, e reabriram-se veios mágicos, míticos e religiosos remotos. Pela variedade de seus aspectos, extensivos, para além da literatura e da arte, a todas as dimensões da cultura, pela diversidade das posições contrastantes que abrangeu, o Romantismo foi, na verdade, uma confluência de vertentes até certo ponto autônomas, vinculadas a diferentes tradições nacionais. (p. 52)

Assim, suas características permeiam as mais diversas obras até os dias de hoje, e podem ser encontradas em meios bastante diferentes dos originais. As obras românticas no Brasil eram difundidas inicialmente através dos folhetins, e eram consideradas uma literatura inferior pela simplicidade de seus tópicos e facilidade de leitura; o que é curioso de se imaginar, visto que várias dessas obras e seus autores entraram para o cânone da literatura brasileira.

Além disso, o público leitor do folhetim interessava-se pela narrativa de costumes, pois, segundo Candido (2004), era através dela que podiam ter esperança de que o lugar de onde vinham pudesse ser elevado ao patamar da literatura. A identificação era um dos fatores que mais interessavam a quem lia, já que as histórias contadas nos folhetins eram de cunho popular, com uma linguagem acessível e com personagens verossímeis, e graças ao fato de que eram publicadas semanalmente ou quinzenalmente, a narrativa seriada era fácil de acompanhar.

A questão que pretende-se levantar aqui é: será a *fanfic* o folhetim da era da tecnologia da informação e comunicação? E, sendo assim, quais as possibilidades de se trabalhar em sala de aula essa aparente demanda e necessidade de ficção continuada?

2. A fanfic e o folhetim

Com o advento da internet e a ascensão dos gêneros digitais, os jovens têm se distanciado cada vez mais dos meios mais comuns de acessar literatura, a saber

o livro impresso, as bibliotecas, as livrarias. Isso é perceptível quando *booktokers* e *booktubers* indicam a compra do Kindle, leitor de livros digital, que facilita tanto o ritmo de leitura quanto os gastos financeiros (considerando o quanto os livros tendem a ser mais baratos em sua versão digital, havendo ainda a possibilidade de baixar os livros em PDF e enviá-los ao Kindle por *e-mail*) de quem o utiliza. Isso além do uso do celular em aplicativos de leitura, como o Wattpad, que conta tanto com clássicos da literatura quanto com *fanfics* e histórias originais.

Apesar do Wattpad ser o site mais proeminente para leitura e produção de *fanfics* no Brasil, existem ainda o *Archive of Our Own* (Ao3), o *Spirit Fanfiction*, *Nyah!*, entre outros menos famosos. O Ao3 é um fenômeno bastante interessante pois, além de sua vasta coleção de *fanfics* – atualmente cerca de 11.440.000 –, o site criado em 2008 ainda é mantido através de *crowdfunding*, o que garante que a experiência do leitor é o que mais importa para os desenvolvedores do site, visto que é gratuito e não apresenta publicidade. Embora a maioria das *fanfics* de lá sejam escritas em inglês, existem usuários de vários lugares do mundo que escrevem em suas línguas maternas, como é o caso dos usuários falantes de português. O Wattpad, no entanto, conta com mais de 800.000 usuários brasileiros.

Pode-se dizer que o Ao3 é voltado para leitores e escritores mais avançados, cujo objetivo principal não é uma grande adesão do público ou até a possibilidade de uma chance no mercado editorial, e sim a de construir um acervo próprio (como o nome do site diz “arquivo próprio”) sem fins lucrativos. Enquanto o Wattpad atualmente visa justamente o oposto: apesar de conter muitos escritores e leitores que o fazem apenas por diversão, o objetivo do Wattpad, segundo a própria plataforma, é dar chances de expansão da escrita, desde oportunidades de publicação literária em editoras, até uma forma de letramento digital e literário.

Por vezes, como é o meu caso, a ideia de se tornar escritor vem desse primeiro contato com o mundo das *fanfics*, que nos agracia com a oportunidade de ler e escrever sobre o que mais amamos (bandas, séries, livros, filmes, celebridades, artistas, entre outros), quando o mundo real falhou em nos dar possibilidades de vazão para nossa imaginação. No que diz respeito ao primeiro contato formal com Literatura, este vem geralmente da escola, associado a uma série de regras de escrita e uma leitura analítica e regurgitada, por vezes baseada

no conceito por trás das obras, na biografia dos autores mais do que na obra — e consequentemente, sua apreciação e apropriação por parte do leitor — em si. Isso para além da obrigatoriedade, aspecto que pode castrar o prazer da leitura, como posto por Rouxel (2013):

Inúmeros testemunhos convergem para denunciar a obrigação da leitura escolar. Os textos propostos em classe, culturalmente distantes das leituras pessoais, o ritmo de leitura imposto para a descoberta das obras, a lentidão do seu estudo são igualmente queixas pelas quais alguns alunos justificam sua hostilidade. (p.71)

Assim, sendo o pressuposto da *fanfic* o de ela ser uma ficção baseada na sua vontade de leitura e realização, utilizá-la na sala de aula para um maior engajamento dos alunos com o processo de produção textual pode ser muito proveitoso, ainda mais considerando o quanto a identificação com o que se lê é importante para o aprendizado, já que “enquanto gênero textual as *fanfics* são amostras de discurso apropriados de palavras alheias que se tornam palavras próprias, a estória é recontada, re-escrita movendo-a para além do que foi dado.” (Rojo, 2013, p. 75). Ensinar a escrever *fanfics* na escola pode trazer aos alunos um senso de autonomia, um estímulo maior de criatividade, além de que é um processo conjunto, possibilitando a participação ativa tanto dos alunos quanto dos professores na construção de histórias diversas, particulares e continuadas. Uma maneira de fazer isso é correlacionar a *fanfic* ao folhetim, em virtude de uma semelhança histórica nos elementos encontrados em ambos os gêneros, conforme Diniz (2009):

A permanência do gênero folhetinesco no mundo digital passa pela recriação de elementos, como peripécia, reconhecimento e catástrofe em um meio profícuo em formas de agenciamento. O computador muda as capacidades cognitivas do homem e para dar conta dessa alteração, aparecem novas técnicas de contação de histórias, privilegiando a interatividade, o dialogismo. (p. 207)

O folhetim surge no Brasil com a chegada da família imperial portuguesa, e consequentemente, da imprensa, junto com outros avanços sociais e tecnológicos. Considerando que, na época, boa parte da população era analfabeta, a grande adesão do público para com o folhetim abria espaço para mudanças, pois dessa forma “o folhetim torna-se um contributo fundamental para que as camadas mais baixas da população usufruam de bens culturais, podendo criar hábitos de leitura

que estimulavam o desejo de ler e desencadeavam a fidelização do leitor.” (Rafael, 2012, p. 33). Antes do folhetim, a literatura no Brasil era dificilmente difundida, pois, como já pontuado, boa parte da população não sabia ler e não tinha condições financeiras para comprar livros, sendo que os escritores também não tinham condições de arcar sozinhos com os custos de uma publicação num país antes sem imprensa. Dessa forma, com o início da circulação dos jornais, um dos elementos que garantiram a adesão ao letramento pelo povo foi a existência dos folhetins, como explicitado por Rafael (2012):

Para os jornais, o arranjo era extremamente vantajoso, já que o número de leitores aumentava e a publicação de romances-folhetins fracionados passava a ser o sustentáculo de vendas. Para os autores, a novidade na forma de publicar era assimilada como estratégia apelativa a ser usada na construção dos romances. A cada final de capítulo, impunha-se a questão: “E agora? O que irá acontecer?” E ao estimular a curiosidade do público, garantia-se a venda e aumentava-se o número de assinantes. (p. 35)

O primeiro romance folhetinesco de que se tem notícia a ser publicado no Brasil foi *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, no Jornal do Commercio em 1838, que se tornou o maior disseminador de folhetins do país na época. Inicialmente, as obras eram traduções – por vezes grosseiras – de obras francesas e britânicas, que, devido a seus sucessos, eram republicadas no Brasil. Inauguram o gênero alguns dos grandes nomes da literatura brasileira, dentre eles, Joaquim Manuel de Macedo, com a obra *A Moreninha* (1844).

Macedo era estudante de medicina quando decidiu embarcar no mundo da literatura e seu primeiro romance é até hoje o mais difundido, sendo que, apesar de ter escrito muitas outras obras, permanecem *A Moreninha*, *O Moço Loiro* e *A Luneta Mágica* como as mais acessíveis atualmente. Ainda que sua obra hoje seja reconhecida majoritariamente pelo seu caráter documental — isto é, através da obra, podemos enxergar brevemente como se comportava e vivia a sociedade urbana da época —, ela interessa aqui também para refletirmos acerca da recepção e processo de escritura que a marcaram na literatura brasileira.

No gênero folhetinesco, uma amálgama de opções se colocam diante do escritor, podendo ele se utilizar desde os assuntos mais supérfluos à questões

sociais mais intensas, de conversas privadas à acontecimentos que moviam os rumos da história, sendo profusas as possibilidades relativas à trama.

A *Moreninha* narra o romance entre Augusto e Carolina, envolto em peripécias, confusões e o inevitável final feliz. Augusto e seu grupo de colegas estudantes de medicina resolvem passar o feriado de Sant'Ana na casa da avó de Filipe, D. Ana. Augusto tem fama de namoradeiro, garantindo que não se prende a mulher alguma, pois é capaz de amar várias delas em curtos períodos de tempo. Ele é o típico mocinho sedutor que ainda é amplamente difundido nas histórias românticas. Assim, um de seus amigos, Filipe, lhe propõe uma aposta: se ele não se apaixonasse intensamente por alguma das garotas que estariam presentes na casa de sua avó durante o feriado, Filipe escreveria um romance; se sim, quem escreveria seria Augusto.

Entretanto, os planos de Filipe são brevemente estragados por Fabrício, que em meio um jantar, conta para todas as moças na mesa que Augusto não serve para ter um relacionamento sério ou casar, o que faz com que todas passem a desprezá-lo, menos uma: Carolina. Numa longa conversa com D. Ana, Augusto revela a origem de seu comportamento errático e desiludido acerca do amor. Quando criança, conheceu uma menina na praia e juntos, eles ajudaram um homem doente, que de muito agradecido, presenteou Augusto com um botão de esmeralda numa fita branca e à menina o camafeu de Augusto com uma fita verde. Ele guarda o presente como memória da menina, já que nem seu nome sabia. Contudo, os dois haviam jurado um ao outro em casamento, e nunca mais voltaram a se encontrar.

Ao fim do feriado, Augusto e seus amigos regressam a suas vidas, e, sem conseguir esquecer Carolina, ele retorna e a visita em sua casa. Eles se envolvem e namoram, e Carolina o repreende quando ele se declara para ela, dizendo que Augusto deveria manter-se fiel à garota que tinha seu camafeu. Confuso, ele garante não poder seguir com a promessa visto que estava rendido ao sentimento verdadeiro que agora nutria por Carolina, além de nem saber o nome da menina que conheceu anos atrás; ela então lhe revela que era a garota da praia, lhe mostrando seu camafeu que guardou por todos esses anos. Ele, tendo perdido a aposta, escreve *A Moreninha*.

O enredo é simples e cativante, o que explica seu sucesso na época em que o folhetim foi publicado, e também porque, como posto por Bakhtin, “pode-se participar dessas aventuras e se auto identificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida particular”. (Bakhtin, 1998, p. 421). Assim, o público consegue se enxergar na história, tanto pela escrita estimulante, pelo ritmo em que se dá a história, quanto pelos aspectos comuns e autorelacionáveis dela. É notável, também, a intensa participação do público no desenrolar da história. Os leitores do folhetim, num processo parecido com o que usam hoje os de *fanfics*, escreviam cartas para os jornais a fim de influenciar o desenvolvimento das histórias que liam (Souza Júnior, 2011). Essa abertura e possibilidade de participação em suas histórias favoritas se mantém na leitura e produção de *fanfics*, visto que, ao fim de cada capítulo, num espaço denominado notas do autor, este tende a pedir que os leitores se manifestem nos comentários, ansiando pelo *feedback* e muitas vezes prometendo atender ao que for solicitado pelos fãs.

Se em ambos os gêneros podemos encontrar traições, trocas de identidade, mocinhos, vilões, antagonistas, personagens secundários que servem de alívio cômico mas que estão ali para inevitavelmente ajudar o casal central a ficar juntos ou até a voltar a se relacionar, situações cômicas e equívocas, grande uso de diálogos, entre outros aspectos, temos neles, portanto, uma oportunidade de letramento literário pautado na comparação e fruição dessas leituras. E, com efeito, isso quer dizer manter a literatura acessível aos alunos, no tanto em que seja perceptível a eles que, no passo em que eles têm direito a ela, ela lhes pertence.

Assim, nos propomos a pesquisar em *fanfics* de *fandoms* distintos, com 10 a 20 capítulos, elementos folhetinescos, em estrutura, enredo, organização e escrita, bem como semelhanças e diferenças entre os gêneros *fanfic* e folhetim. Compreendendo a obra *A Moreninha* como parte do cânone na literatura brasileira e constituinte do ensino de literatura nas escolas, assim como o gênero folhetim e seus outros descendentes, busca-se argumentar aqui uma inserção da *fanfic* como mais um dos meios possíveis de aproximar os estudantes da leitura e produção literária. Ao comparar o primeiro folhetim brasileiro com excertos de *fanfics*

diferentes, procura-se observar como esses gêneros são capazes de se aproximar ao longo dos anos.

Destarte, a metodologia de pesquisa é qualitativa, trabalhada aqui com base na leitura e análise de excertos de 5 *fanfics* de *fandoms* diferentes publicadas nas plataformas *Wattpad*, *Archive of Our Own* (Ao3) e *Spirit Fanfiction*, com uma média de 10 a 20 capítulos, para que possamos notar a noção de continuidade e outros aspectos folhetinescos nas obras.

O primeiro trecho a ser analisado é o que finaliza o primeiro capítulo da *fanfic* *Burn Bright*, que foi inicialmente publicada no *Spirit Fanfiction* em meados de 2016, mas foi distribuída também pelo *Wattpad* antes de se tornar um livro intitulado *Bright*, por Maria dos Reis. A trilogia – *Burn Bright*, *Surrender the Night* e *Old Hope* conta com mais de 200 capítulos ao todo. O enredo é baseado no romance entre um escritor e desenhista de histórias em quadrinhos de sucesso, Gerard, e um universitário que almeja se tornar uma estrela do rock, Frank. Devido a um imprevisto, o universitário, que é melhor amigo do irmão do desenhista, deve morar no seu apartamento de luxo por um curto período de tempo. Existem conflitos entre os dois, de início por conta de suas personalidades destoantes, mas principalmente por conta da sexualidade e de atração entre os dois, ambas mal resolvidas. Os altos e baixos entre os personagens se tornam uma trilogia amplamente difundida dentro do fandom brasileiro da banda de rock estadunidense *My Chemical Romance*, com direito até a perfis do *Twitter* dos personagens – como se fossem eles a utilizar a plataforma – e um blog no *Tumblr* dedicado à trajetória deles, ambos feitos pela autora da história, a fim de angariar o máximo de leitores possível. Atualmente não é mais possível encontrar a *fanfic* na íntegra em nenhuma plataforma, devido ao acordo publicitário da editora.

Eu deveria estar feliz. Eu deveria estar sorrindo de orelha a orelha, agradecido por ter a oportunidade de constituir família com uma mulher belíssima. Eu deveria estar feliz com a vida que eu tinha, com todos os afazeres e com a montanha de dinheiro que entrava em minha conta no fim do mês.

Eu deveria estar feliz.

Mas eu não estava.

Eu deveria querer me casar.

Mas eu não queria. (s/p)

Nota-se, nesse último parágrafo do capítulo, um efeito popularmente chamado de *cliffhanger*, bastante utilizado não só no folhetim como em vários outros gêneros narrativos. O objetivo é incitar o leitor a continuar a leitura, porém, no caso da *fanfic*, como não havia outro capítulo disponível para ler, visto que era o primeiro, era necessário contar com a volta da escritora para a continuação da história. Esse momento na história também representa o início da virada do personagem, que até então, conhecemos muito pouco, mas sabemos que ele está infeliz com o prospecto de se casar: apenas não sabemos o porquê. O motivo nos será revelado apenas no capítulo seguinte.

O mesmo ocorre em *Quando mais precisei de você*, de J. Martinez, ao fim do primeiro capítulo. A *fanfic* em questão é baseada na saga *Crepúsculo*, e o enredo provém do segundo livro, a partir de uma premissa alternativa da história. Conta com 16 capítulos, 2800 leituras¹, e foi publicada em 2021. Nessa *fanfic*, Edward termina com Bella, como ocorre no livro e filme, com a diferença de que ele nunca retorna, e o que acontece em seguida muda completamente o rumo da história original. Bella é transformada em vampira, perde seus amigos e sua família e passa a nutrir uma decepção e tristeza profundos por Edward, por ele nunca ter voltado para procurá-la. No entanto, isso irá mudar em breve, e através de um *cliffhanger*, as intenções da autora com essa mudança no enredo original ficam claras.

Quando cheguei à escola, tive a sensação de que algo estava para acontecer. Eu podia sentir isso, não sabia o quão significativo ou insignificante poderia ser, mas algo estava acontecendo, que poderia mudar minha vida. Mal eu sabia que era a última coisa que queria que acontecesse...(s/p)

Essa sensação, descrita no fim do primeiro capítulo na *fanfic*, é o que precede à volta de Edward e seu clã, quase 20 anos depois, promovendo o reencontro e reconciliação do casal principal.

Esse mesmo recurso é utilizado várias vezes n'A *Moreninha*, como por exemplo no capítulo 6, que acaba no momento em que Augusto pretende contar à D. Ana a história de como ele se tornou errático no amor.

¹ No *Wattpad*, é como se chamam as “visualizações”. Cada capítulo lido conta como uma leitura, que é somada a de outros capítulos e fica disponível na capa da história em questão.

- É uma história muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. Com efeito, não sou tal qual me pinte durante o jantar. [...]
- Então o senhor já ama?
- Julgo que sim.
- A uma moça?
- Pois então a quem?
- Sem dúvida bela!...
- Creio que deva ser.
- Pois o senhor não sabe?...
- Juro que não.
- O seu semblante?
- Não me lembro dele.
- Mora na Corte?...
- Ignoro-o.
- Vê-a muitas vezes?
- Nunca.
- Como se chama?
- Desejo muito sabê-lo.
- Que mistério!... [...]

O estudante, depois de certificar-se de que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da Sra. D. Ana, no banco da relva, e começou a história de seus amores. (s/p)

Nesse trecho, pode-se reparar na construção de uma curiosidade acerca do comportamento do personagem. Ele dá respostas curtas e incertas, o que faz com que D. Ana siga perguntando, até que enfim ele decide lhe contar tudo desde o começo, e aí sim, o capítulo acaba.

Dessa forma, é notável como o recurso do *cliffhanger* pode instigar a leitura e aumentar a adesão e especulação – visto que, como não sabemos o que vai ocorrer, nada mais comum do que imaginar as possibilidades – do público leitor. Em *Slow Show*, de mia_ugly, publicada em inglês no Ao3 em 2019, o *cliffhanger* surge também no primeiro capítulo, que marca o encontro inicial do casal principal. A *fanfic* é do *fandom* de *Good Omens*, de Neil Gaiman e Terry Pratchett, autores tanto do livro quanto da série de TV. Nela, acompanhamos Anthony Crowley e Avery Fell, que neste universo são humanos e atores de cinema famosos. *Slow show* conta com 12 capítulos publicados, quase 300.000 visualizações e mais de 13 mil *kudos*.²

Crowley se apaixona por Avery durante as gravações de uma série que farão juntos, e o desenrolar do romance é cheio de reviravoltas, anseio por parte de Crowley e autoaceitação por parte de Avery, que até então não era publicamente

² No Ao3, *kudos* são o equivalente a curtidas. Cada usuário pode “deixar *kudos*” num capítulo da história.

assumido como gay por medo de afetar sua carreira e boa reputação. Crowley, por outro lado, estava na *blacklist* do ramo por seu passado envolvimento escandaloso com drogas e sexo, o que o fez cair em desgraça frente ao público. Assim, o conflito é baseado no fato de que um tem tudo a perder enquanto o outro não tem mais nada. Porém, a química entre eles e o sofrimento que ela traz aos personagens é ilustrada logo no primeiro capítulo, que é finalizado com a promessa de que muito ainda vai acontecer.

O homem em questão está descendo a fila em frente a de Crowley, um pouco mais perto da tela. Seu cabelo reflete a luz como uma auréola, fazendo ele parecer mais com um anjo do que nunca. Mesmo na escuridão, ele parece perceber Crowley encarando ele (encarando, pelo amor de Deus) e dá a ele um precioso pequeno aceno.

Crowley faz uma careta, não acena de volta (mas sua mão cerra no encosto de braço num espasmo desesperado, querendo, querendo.)

Isso poderia ser um problema, Crowley pensa, e então pensa melhor. Mas claro que não. Ele está sendo um idiota (e se ele ligar para Beez mais tarde, segurando um copo de whiskey e arrancando o próprio cabelo “*Cachos, Beez, malditos cachos - só me mate - eu não tenho permissão de me sentir assim a respeito de alguém que tem cachos*— bem, ele é um ator. Ele se permite um certo drama aqui e ali.)

Não vai ser um problema, Crowley pensa para si mesmo enquanto as luzes se apagam e os créditos iniciais surgem (Três fileiras a frente e sete assentos abaixo, Fell ri.)

Porra.

*Poderia ser.*³ (s/p, grifos do original)

O conflito interno de Crowley é bastante claro aqui, porém o leitor ainda não sabe até que ponto os personagens se conhecem, ainda não sabe quem é Avery Fell e por que ele afeta tanto o outro personagem, isso apenas é desenvolvido no próximo capítulo. O mistério em volta da figura de Avery é muito do que nos compele a continuar lendo, a descobrir se de fato, Crowley é tão delirante em relação à atração que ele sente, se ela possui alguma base na realidade.

Ainda na mesma *fanfic*, mais à frente, o recurso do *flashback* é utilizado para resolução de alguns mistérios acerca do personagem Avery, bem como acontece

³ Todas as traduções das fanfics publicadas em inglês são minhas.

n'A *Moreninha*, sendo que um desses *flashbacks* nos traz uma memória de infância, que justifica, em partes e aos poucos, porque Avery não é assumido publicamente.

1978, Hartlepool

(9 anos de idade)

Avery está quase chegando nas docas (onde ele vai pegar um navio e ir para a América do Norte e fazer sua fortuna no Oeste e nunca mais será visto na estúpida Hartlepool e aí todos eles sentirão muito) quando uma mão pesada desce em seu ombro.

“Aonde você pensa que está indo?”

Avery conhece a voz de seu pai, mas conhece mais ainda o peso de sua mão, conhece o cheiro de suor e óleo e cerveja. Ele saberia quem o encontrou antes mesmo do homem dizer uma palavra.

“O que diabos você faz aqui sozinho, ein? Sabe que horas são? Como sua mãe está preocupada?”

“Me solta!” Avery se desvencilha, mas seu pai o puxa de volta.

“Olha o seu estado- o que é isso? O que você tem-”

Uma ponta da echarpe já está nas mãos de seu pai, e Avery se esforça para sair dela antes que seu pai o enforque sem querer (ou de propósito).

“O que é isso? A maldita echarpe da sua mãe? Você roubou?”

“Eu queria parecer com Cary Grant!” Avery rosna ao que seu pai puxa o resto da echarpe, a linda seda amarela manchada e arruinada agora, e não é culpa de Avery, não é-”

“Cary Grant? Quem diabos- tem lama nela toda! Ou é-”

Avery vira o rosto rapidamente, enquanto seu pai se aproxima, se elevando sobre ele como uma daquelas grandes árvores na Califórnia. Avery viu fotos delas, as viu em livros. Ele vai para lá algum dia, ver elas na vida real, não importa o que os garotos na escola digam. (s/p)

No caso de Avery, suas justificativas são baseadas em bullying, homofobia e por ter se magoado muito na adolescência por seus interesses românticos. Ele decide focar em sua carreira, evita se envolver romanticamente, e opta por ter um relacionamento de fachada com uma amiga, até criar coragem e se interessar por alguém. Já com Crowley, o recurso do *flashback* é utilizado mais esparsamente, e combina com as características do personagem e seu estado mental após se

submeter a ter um relacionamento secreto com Avery, mesmo que isso lhe traga tanta dor que finalmente eles se separem. A seguir, em meio a outros acontecimentos, Crowley se lembra de seu primeiro amor, e como ele pavimentou seu comportamento errático e autodestrutivo em suas relações. A narração dos *flashbacks* a seguir é diferente das demais incluídas aqui, mas tão efetiva quanto.

(A primeira pessoa que Crowley amou tinha cabelos pretos como asas de corvo, e a pele como mogno polido. Ele era engraçado e malvado e usava sua gravata muito baixa em sua garganta, estava sempre recebendo deméritos por isso. Ele fumava maconha com Crowley na janela do internato caro deles, e tinha as bordas afiadas como louças quebradas (dedos longos, pele macia, maxilar anguloso.) Ele beijou Crowley pela primeira vez num dia morno de Junho, e tinham flores de maçã nas árvores e no chão, esmagadas na lama abaixo dos coturnos de Crowley.

Ele tinha quinze anos.

A primeira pessoa que Crowley amou sabia muito sobre vinis, ouvia Ramones, e disse a Crowley que seus pedaços quebrados se completavam, e que isso era lindo, que Crowley era também.

A primeira pessoa que Crowley amou era um mentiroso.) (s/p)

É esse parágrafo que inicia o capítulo que narra o fim do relacionamento secreto deles e, ao longo deste, outras descrições das pessoas que Crowley amou vão aparecendo de maneira que parece aleatória, mas que nos levam até o ponto que a autora busca provar: todos os relacionamentos que Crowley teve serviram de aprendizado (bom ou ruim) para que ele vivesse o último e finalmente tentasse fazê-lo de maneira saudável, após a desilusão. Continuar da maneira que eles estavam não era bom para nenhum dos dois, e assim, a separação é inevitável, e Avery se torna a última pessoa que Crowley amou. Ao utilizar o *flashback* tanto para iniciar quanto para finalizar o capítulo, a autora nos provê uma dimensão muito bem escrita de completude.

(A última pessoa que Crowley amou tinha cabelos como papel de escrita caro, e a pele macia como pétalas. Ele era temperamental e gentil. Ele vestia gravata e colete e parecia um dândi vitoriano que havia rolado em um monte de livros de segunda mão.

Eles se conheceram numa pré-estreia de um filme.

A última pessoa que Crowley amou não era afiado de maneira alguma - ele era macio. Macio e de bordas arredondadas e de dedos gentis. Ele era algo que Crowley não achou que ia querer até não querer mais nada.

Eles se beijaram pela primeira vez para uma cena de televisão, e Crowley o prensou contra a porta de um quarto de hotel e deixou seu coração perdido se queimar debaixo de suas costelas.

Ele tinha quarenta e seis anos. Velho demais para isso.

Mas alguns dias ele se sentia bem mais velho.

A última pessoa que Crowley amou era um brilho numa cama de palha. Um sinal no fim de uma longa estrada. Um farol na costa - um farol que chamou Velvet Underground de "bebop" e amava chocolate amargo e carne mal passada e disse a Crowley - nada. Ele nunca colocou em palavras, não é?

Apesar de que uma vez, *uma vez*, ele chamou Crowley de "amor."

Oh.

E essa mágoa suave era, de alguma forma, a mais afiada de todas.) (s/p)

Já em *Burn Bright*, porém agora em seu segundo livro, *Surrender the Night*, também podemos encontrar o recurso do *flashback*, que é abundantemente utilizado ao longo de vários capítulos, a fim de tanto nos conceder mais *backstory* para os personagens como para nos reforçar a ideia de predestinação, que podemos encontrar similarmente n'A *Moreninha*. Nesse ponto da história, o casal está separado e lidando com seus conflitos internos, assim, o *flashback* serve tanto para criar uma pausa no andamento do enredo quanto para mostrar como eles de fato se conheceram. No capítulo anterior, Gerard, muito deprimido por ter perdido a pessoa que ama, começa a se questionar por que não havia conhecido Frank antes, num momento que fosse propício aos dois. Dessa maneira, o *flashback* serve como uma revelação de que sim, eles se conheceram antes, e diversas outras vezes.

Halloween de 1977

Mamãe, mamãe! – Mikey interrompeu o assunto pesado, sem nem pensar duas vezes, não escutando uma palavra sequer que as duas adultas discutiam, os olhos esverdeados chamando atenção da mãe em um primeiro momento. – Gerard tentou roubar a abóbora de um menino e ele tá gritando! – O Way mais novo facilmente ganhou a atenção que queria, apontando para um ponto atrás de si, onde o irmão tentava escapar dos gritos escandalosos do pequeno garoto. – Você me roubou sim! – Se não fosse pela dicção boa, Gerard diria que o pequeno menino tinha por volta de quatro anos. Provavelmente tinha a mesma idade de Mikey, e estava certo quanto a isso, com sua máscara feita à mão de Frankenstein, o rostinho angelical escondido por esta, que não abafava a voz irritada e fina do pequeno garoto. – Você estava tentando fugir com a minha

abóbora! Você simplesmente não pode sair por aí roubando o Jack de mim! Não pode!

– Mas eu... Eu não peguei nada! – Gerard pouco se importou em parar, ali, no meio da rua, correndo o perigo de ser atropelado por algum carro, e ter aquela discussão nada profunda com um garotinho de metade da sua idade. – Eu vi a abóbora rolando no asfalto e achei que a tivessem jogado fora! – O mais velho tentou se defender, recebendo um olhar nada convencido do menino pequeno, recebendo um forte cutucão em uma das pernas, ainda que Frank tivesse a abóbora já em sua posse, após praticamente chutar as pernas longas do mais velho para recuperá-la. (s/p)

Esse é um dos muitos *flashbacks* que ocorrem na trama; nesse caso, vemos os personagens principais, dentre muitas idas e vindas, se reencontrarem várias vezes ao longo dos anos, porém sem nunca de fato se reconhecerem. Esses *flashbacks* surgem em momentos tanto banais quanto cruciais. O primeiro, cronologicamente, é esse. Quando crianças, fantasiados de Frankenstein e Drácula – o que é proposital, já que, adultos e namorando, eles também se fantasiam dos mesmos personagens para comemorar o *Halloween* e aniversário de Frank –, eles brigam por algum motivo bobo ao cruzarem um com o outro na calçada. Novamente, a ideia de destino é reforçada na *fanfic*, visto que os personagens se encontram diversas vezes, mas só ficam juntos quando devem ficar. O mesmo ocorre n’*A Moreninha*, no ponto em que Augusto narra o momento em que conhece a mulher que jurou amar, sem ter consciência de que se tratava de Carolina, e a mesma escutava sua história secretamente.

Figure-se a mais bonita criança do mundo, com um vivo, agradável e alegre semblante, com cabelos negros e anelados voando ao redor de seu pescoço, com o fogo do céu nos olhos, com o sorrir dos anjos nos lábios, com a graça divina em toda ela, e far-se-á ainda uma idéia incompleta dessa menina.

Ela estava à borda do mar e seu rosto voltado para ele; aproximei-me devagarinho. Uma criança viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras ou combina os meios para executar alguma a que se põe obstáculos; eu sabia isto por experiência própria, e cheguei-me, pois, para saber em que pensava a menina; a pequena distância dela parei, porque já tinha adivinhado seu pensamento.(p.26)

Em *Surrender the Night*, os *flashbacks* chegam tão longe que se aplicam até aos pais dos personagens antes mesmo deles nascerem, bem como a situações

fictícias dentro da própria história, assim sendo mais uma espécie de delírio ou devaneio do personagem do que propriamente um *flashback*, mas que serve ao argumento de retorno a um tempo anterior, mesmo que esse não exista.

De que havia adiantado ter tudo? De que havia adiantado lutar e ganhar dinheiro, a fama, pessoas conhecendo o meu nome, se eu não havia procurado, lá no começo, o que era essencial? De que adiantava, se eu não tinha o amor dele? E se... Eu o tivesse encontrado antes de toda a fama, toda a paranoia e todas as dúvidas? Se eu tivesse colocado um pouco mais de amor e carinho na minha vida? Se tivesse trilhado um caminho completamente diferente do que trilhei para mim?

E se eu tivesse conhecido Frank antes? [...]

E se tivéssemos nos conhecido antes?

Ele gostava de panquecas, daquelas que eram bem docinhas e com a cobertura de mel. E era assim que Frank lhe preparava todos os domingos e definitivamente Gerard não se cansava da mesma refeição, assim como o seu pequeno... Às vezes, até achava que Frank mentia apenas para agradá-lo, mas quando o via sorrindo naquelas manhãs claras e cheias de sol, o mais novo confirmava que realmente toda atenção e carinho que dava para ele durante todos os dias que estavam juntos valiam a pena. (s/p)

O trecho acima trata-se do fim de um capítulo anterior que dá o gancho para o próximo, que narra uma situação fictícia entre os dois personagens, numa espécie de universo interno, no qual eles teriam se conhecido antes do momento em que se conheceram. Esse devaneio parte do ponto de vista particular de um dos personagens, ou seja, é ele quem está narrando o momento antes do devaneio, logo, parte inteiramente da psique dele, que ainda não tinha conhecimento de que o par já se conhecia antes. Esse movimento, apesar de um pouco enfadonho, é especialmente interessante ao leitor, que até esse ponto, é o único que sabe do fato. A ideia aqui é fazer com que o leitor compreenda e tenha reforçada a noção de destino implicada na história do casal e ainda possa se deleitar com a angústia sofrida pelo personagem que, diante da perda do objeto amado, não tem escolha senão devanear.

A seguir, um curto trecho da *fanfic I Have Been All Things Unholy*, conhecida também como a primeira parte da trilogia *Unholverse*, de Bexless, que foi extensivamente difundida pelo fandom de *My Chemical Romance*, contando com traduções em diversas línguas e publicada em várias plataformas – mas surgiu

originalmente no Ao3, em 2011 –, narra parte do momento em que o futuro casal se conhece. O enredo é baseado no filme *Stigmata*, de Rupert Wainwright, que conta a história de uma moça que subitamente começa a ter estigma, as marcas de Cristo, e um cardeal enviado pela igreja católica acompanha seu caso.

Na *fanfic*, no entanto, os personagens são trocados pelos integrantes da banda — Gerard e Mikey Way, Frank Iero, Ray Toro e Bob Bryar, na época —, assim como outros aspectos menores como o local de trabalho e gênero da personagem principal. Eles trabalham numa barbearia e Frank, o rapaz acometido pelo estigma, é *bodypiercer*, e decide fazer uma tatuagem na mão com um desconhecido; logo sentindo muita dor na mão, mas julga não ser nada demais. No dia seguinte, o irmão do recepcionista da barbearia, que é um padre, visita o local. Quando Frank, o *bodypiercer*, e Gerard, o padre, apertam as mãos, algo no mínimo inusitado acontece:

Ele voltou para a sua sala, vagamente ciente de Mikey dizendo que seu irmão estava indo embora. Frank estava muito ocupado encarando sua mão para dizer tchau.
Não poderia já estar cicatrizado. *Não poderia.*
Mas estava.(s/p)

Esse trecho finaliza o segundo capítulo, e no momento em que o padre aperta a mão do nosso personagem principal, ela se sara. Esse *cliffhanger* também serve de gancho para, no futuro, descobrirmos que a tatuagem feita foi amaldiçoada por um bruxo, e por isso quando o padre a toca, ela sara. Essa cura, curiosamente, é associada a um padre que se tornará interesse romântico do personagem principal, que é ateu.

As *fanfics* utilizadas como corpus dessa pesquisa são muito diferentes entre si, mesmo que algumas façam parte do mesmo *fandom* e todas tratem de romances proibidos ou difíceis. Contudo, as semelhanças encontradas entre seus modos de escrita e *A Moreninha* são suficientes para nos fazer argumentar que a fórmula folhetinesca segue viva tanto no mundo das *fanfics* quanto nas novelas, filmes, séries e romances, e que portanto, é inesgotável e mantém uma grande adesão do público mesmo tendo séculos de distância entre si.

3. O prazer da leitura, em tese

A relação que o gênero folhetinesco mantém através do tempo com o gênero *fanfiction* pode ser abordada através da Estética da Recepção, visto que a proposta desta teoria é a interlocução dialógica e sincrônica para a compreensão de determinada obra. Nesse sentido, Jauss (1994) projeta na literatura uma função social, que seria a de abrir os horizontes do leitor, e este, inserido em seu papel histórico e conhecimentos anteriores à leitura, progride no seu processo de apropriação de sentidos. Sobre o conceito de horizontes, Costa (2012, p.4) explica que “é responsável pela primeira reação do leitor à obra, pois encontra-se na consciência individual como um saber construído socialmente e de acordo com o código de normas estéticas e ideológicas de uma época.”

O que Jauss propõe é levar em consideração os conhecimentos prévios do leitor na sua interpretação, e através dessa interpretação compreender o contexto histórico do texto literário, quando ele primeiro surgiu e como ele é apreendido pelo leitor no momento da leitura. O prazer da leitura surge através dessa apreensão, da participação do leitor na produção de sentidos. A literatura, dessa forma, tanto molda a sociedade que a lê (via padrões socioculturais) quanto a desprende e liberta de suas próprias amarras.

Já Barthes (1987) argumenta que o leitor chega à fruição⁴ da leitura por meio do contato com linguagens distintas, e assim, o autor e o leitor, falando línguas distintas, residem no mesmo texto. Barthes chama isso de “escritura”: o momento, ou o espaço no qual o leitor e o autor se encontram. O leitor se insere, se escreve no texto escrito pelo autor, o texto é um “plural irreduzível (não apenas aceitável).” (p. 70) A leitura é subordinada a condições que vão além dela (história, cultura, ideologias) e a escritura descontrola essas condições; faz o leitor ver a si mesmo e reconhecer suas estruturas. Barthes diz ainda que para que o leitor sinta prazer na leitura, é necessário que o texto tenha sido escrito com prazer:

Escrever no prazer me assegura — a mim, escritor — o prazer do meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure

⁴ Barthes e Jauss discordam se o mais adequado seria fruição ou prazer no que concerne à leitura, entretanto utilizarei os dois termos enquanto sinônimos.

(que eu o “dague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. (1987, p. 9)

Esse jogo é, segundo Barthes, justamente a ruminação de um texto; afinal, quando terminamos um bom livro e o indicamos a alguém, podemos até fazer uma breve sinopse, mas o que convence o outro do valor da leitura é como nos sentimos a respeito dela. Se nos fez sentir ódio, alegria, tristeza; se nos fez repensar nossos valores, conceitos e pré-conceitos. Em *O prazer do texto* (1987), o autor discorre sobre a distinção feita entre o texto de prazer e de fruição; o texto de prazer é confortável, enche de contentamento e o de fruição desconforta, “faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor [...] faz entrar em crise sua relação com a linguagem.” (p. 21). Entretanto, ele não enxerga como necessária essa distinção, apontada inclusive por Jauss, pois, com base indireta na psicanálise, resume: “o prazer é dizível, a fruição não o é” (p. 28). Para Barthes, o autor morre no texto; o leitor o procura ali, dentre as palavras, pois ambos precisam um do outro.

Suélen Silveira (2018), em sua dissertação de mestrado *Dos Folhetins às Fanfics - Dos jornais e telas para os livros*, conceitua a *fanfic* enquanto gênero e traça uma ligação histórica entre os gêneros *fanfic* e folhetim. A autora demonstra, através de sua pesquisa, como as narrativas de apelo dramático prendem seus leitores, o que faz com que estes se aproximem do processo de escrita e, por conseguinte, do de “escritura”.

As fics⁵ impulsionam a criatividade e impulsionam a escrita, é um exercício e tanto para praticar o ato de escritura em um ambiente onde já tem certa intimidade com o objeto que se vai utilizar nesse processo e com o passar do tempo esses jovens escritores se aperfeiçoam. Acontecem muitas interações entre leitores e o escritor ou escritores da fic (pode haver mais de um escritor para uma mesma fic). As pessoas ficam bem próximas uma das outras e pode ser que de bônus surjam amizade entre elas. Autores se tornam leitores e leitores se tornam autores. Tudo é bem democrático. As críticas e os elogios acabam fazendo seu papel de ajudar o autor a melhorar. Os leitores fazem parte de todo o processo de escrita e distribuição. (p. 30)

⁵ Forma reduzida de chamar *fanfictions*, *fanfics*.

Quanto à leitura literária na escola do século XX, Horellou-Lafarge e Segré (2010) dissertam sobre como foi estabelecida a divisão entre o que é Literatura e o que é leitura de lazer, sendo essa divisão um dos exemplos que minam o senso estético e criatividade dos alunos:

[...] um modo de leitura culto, científico dos textos literários é ensinado durante os dois últimos anos do secundário, leitura baseada na linguística e na semiótica que privilegia o estudo da forma, dá prioridade à análise interpretativa do texto e se separa de uma leitura em que o aluno investe seus interesses próprios. (p.89)

Com base nas discussões desses autores, entende-se a necessidade de ampliação dos horizontes literários dos alunos, a importância dada à leitura – de prazer/lazer/fruição ou não – no ambiente escolar e a leitura que se estende para além dos muros das instituições, a qual transforma leitores em escritores e vice-versa. Através do que é hoje compreendido como literatura canônica, é possível inspirar os alunos à escritura a partir do momento em que nós, enquanto professores e mediadores, lhes damos a oportunidade de brincar com o texto, de entender a literatura não como superior a eles, mas como sua aliada nos seus processos de crescimento não só intelectual, como também pessoal, cultural e social.

É verificável, como já foi apontado aqui, que os alunos vêm lendo cada vez menos, por motivos diversos. Com o advento da internet, o processamento de informações cada vez mais ágil, o tempo de atenção dos mais jovens cada vez mais curtos devido ao uso exacerbado e constante de redes sociais cujo retorno de endorfinas é quase que instantâneo, é necessário que haja uma abordagem diferente da leitura e produção de texto na escola. Uma dessas alternativas, é a presença de leitura e escrita de *fanfiction*.

Uma certa mesclagem entre a leitura de lazer e a feita na escola é possível através da *fanfic*, que para muitos, é o primeiro contato informal com a leitura.

4. Uma abordagem educacional

Ao tomar por base os pressupostos de Cosson (2009) acerca do poder humanizador da Literatura e do seu papel na sala de aula, somados aos de Bordini e Aguiar em *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas* (1993),

podemos encontrar uma forma de tratar da *fanfic* em sala de aula por meio de uma estratégia de comparação entre ela e o folhetim.

Se considerarmos que é através do exercício da literatura que, por vezes, pela primeira vez, podemos nos ver em lugares do mundo que não o nosso, ao passo em que podemos nos inserir nas histórias e nos vemos nos personagens, seus pensamentos e sentimentos ali dispostos, a *fanfic* se mostra como um *canvas* de inúmeras possibilidades para o manejo do texto literário. Afinal, como melhor dito por Cosson (2009), a literatura deve ser retirada desse pedestal no qual se encontra para que se mantenha acessível ao leitor.

Entretanto, é importante lembrar que somente a leitura da literatura não é o bastante para assegurar um contato rico e frutífero com a mesma. É preciso que a leitura seja contextualizada, próxima ao aluno, e que, acima de tudo, lhe forneça aquilo que a leitura literária exige: o hábito de leitura, a proficiência da linguagem e o prazer no aprendizado. Cosson argumenta ainda que o ato da leitura, longe de ser solitário, é solidário, ou seja, é perfeitamente capaz de ser realizado em conjunto, como ocorre na leitura e produção de *fanfics online*, e como pode ocorrer em sala de aula.

Em *Letramento Literário* (2009), Cosson elenca alguns fatores que devem ser levados em consideração no momento da seleção dos textos literários a serem trabalhados. É necessário que sejam de valor educativo, que sejam legíveis aos alunos, e que se leve em consideração as condições de leitura da estrutura escolar; se esta possui uma biblioteca rica e funcional, por exemplo, e, o mais importante, que se considere o repertório literário do professor. Para ser um bom professor de literatura, segundo Cosson, é necessário, anteriormente, ser um bom leitor de literatura. Sobre a presença resoluta do cânone na escola e a adição de obras contemporâneas no repertório escolar, afirma:

Aceitar a existência do cânone como herança cultural que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Assim como a adoção das obras contemporâneas não pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura. É por isso que ao lado de um princípio positivo da atualidade das obras é preciso entender a literatura para além de um conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país. (p. 34)

Dessa forma, como encontrar um meio termo? Bordini e Aguiar (1993) apontam que a identificação do aluno com o texto literário é de suma importância para que este se sinta compelido a participar, a se engajar e a se dispor a desenvolver o caminho que o texto lhe oferece. Considerando o texto literário enquanto plurissignificativo e autônomo, damos ao aluno a oportunidade de brincar com ele, de se ver e ver o outro nele. Assim, se considera também, na seleção dos textos, o contexto cultural do aluno, então, a leitura demanda uma “contínua expansão das demarcações culturais da criança e do jovem” (p. 16)

Fazer o aluno querer ler tem muito disso, de preencher o espaço entre ele e o texto com tudo que eles possuem em comum. E, aproximando-os, surge o prazer em ler. Afirmam Bordini e Aguiar (1993):

O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. [...] Pela gratuidade daí advinda [do fenômeno estético], a literatura aproxima-se das atividades lúdicas em geral, também elas com a finalidade única de emocionar e divertir o sujeito, sem oferecer-lhe vantagens materiais. Gratuito e sem obrigatoriedade, o jogo não é, entretanto, um ato incontrolado, mas estruturado a partir de regras, às quais o indivíduo deve se submeter. (p. 26)

A *Moreninha*, é sabido, faz parte do cânone literário brasileiro, por ser a obra que marca o início das produções literárias no país, bem como por seu caráter documental no que diz respeito à observação dos costumes da época e do que se apreciava enquanto leitura. O gênero folhetinesco, que dá origem ao romantismo brasileiro dentre tantos outros gêneros, é também previsto no cânone e no ensino de literatura. Considerando que, provavelmente, um texto de alguns séculos atrás não pareça atrativo para os jovens alunos, com seus *smartphones* e *tablets*, talvez ele se torne mais interessante sob algumas premissas de leitura. Com questões como “O que você, aluno, mudaria nesse texto, a fim de torná-lo mais atrativo?” pode-se demonstrar a inserção do alunado na reescrita da obra clássica, sendo isso possível, através de uma das ramificações do gênero folhetinesco: a *fanfic*. Assim, é admissível argumentar a respeito da inesgotabilidade da literatura, visto que é cabível traçar uma ligação entre a *fanfic* e o folhetim, sendo que o que muda é somente o público e como ele recebe a obra. Uma maneira de remediar o problema

de leitura literária, produção e apreciação dos textos é, primeiramente, considerar o contexto do aluno e como ele aborda o texto; é possível pensar em inserir um ritmo de leitura nas aulas a partir de capítulos semanais, e se tudo fluir, diários.

Essa abordagem serve tanto nos anos finais do Ensino Fundamental (visto que, de acordo com a BNCC, eles começam a ter contato com o gênero conto, também inicialmente folhetinesco, por se encontrar nos jornais) quanto no Ensino Médio, que é quando eles passam a ler romances. Deve-se apontar que tanto o folhetim quanto a *fanfic* são similares em forma e conteúdo, e que, ao trabalharem a *fanfic*, os alunos podem adaptar obras literárias do cânone, como *A Moreninha* ou outros folhetins, contos e romances curtos. Isso se dá ao se propor a possibilidade de mudança de elementos do texto, como os finais, os *cliffhangers*, os personagens, as intrigas, — e se Bentinho se casasse com Escobar, ao invés de Capitu? — criando situações, mudando a época e o local da história. Mais uma vez, todo esse processo tem por finalidade provar o ponto da inesgotabilidade do literário, de que nenhuma história é contada duas vezes da mesma forma, e que é através do contato direto e livre — dentro de um jogo que possui regras — que o aluno pode, finalmente, fazer da literatura algo seu.

5. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, pudemos observar como a *fanfic* é um dos frutos do folhetim, e, através dessa constatação, ruminar a respeito da importância que o prazer tem no processo de escritura, ensino e aprendizagem. E, com isso em mente, quais seriam os caminhos a se seguir para chegar até os alunos, no que consideramos a *fanfic* um gênero literário com inúmeras possibilidades de abordagem.

Compreendendo a origem da *fanfic* e do folhetim, na internet e no Brasil, respectivamente, fundamentado no que foi previamente postulado por Silveira (2018), comparamos enxertos de *fanfics* de *fandoms* diversos com o primeiro folhetim brasileiro, *A Moreninha*, e foi cabível constatar que existem, sim, semelhanças variadas em forma e conteúdo em ambos os gêneros, e que, como colocado por Silveira, isso se dá graças ao elo originário mantido através do tempo entre a *fanfic* e o folhetim. Assim, argumentou-se a respeito de uma possibilidade de

inclusão da fanfic na sala de aula junto ao folhetim, visto que a própria já encontra-se na própria BNCC como uma alternativa de produção textual.

Adiante, com base no que foi discutido por Jauss (1994) e Barthes (1987), supomos que o prazer na leitura é uma das motivações das quais o professor pode se aproveitar para fazer com que seus alunos percam o pudor e o receio de se encontrarem no texto literário; longe das amarras obrigatórias e castradoras que, por vezes, podemos encontrar no ambiente escolar. O que de maneira alguma é dizer que não deve haver análise, critério ou técnica para manejar o texto literário, só não é necessário que tal atividade seja tão extenuante e mecanizada que tire do alunado a oportunidade de, de acordo com Candido (1995), se humanizar através da literatura.

No mais, creio que essa pesquisa não deve se encerrar por aqui; existem ainda muitas possibilidades de discussão acadêmica e pedagógica sobre o que foi iniciado por Silveira (2018) e continuado aqui, no que diz respeito a importância do prazer na sala de aula, nas possibilidades de letramento literário no mundo digital, sobre como nós, professores, não devemos assumir posturas fatalistas a respeito do futuro da literatura, do ensino, dos alunos, e do mundo, quando se trata de aprendizagem. Num mundo cada vez mais rápido, no qual informações chegam até nós sem conter qualquer permanência, que possamos nos demorar na arte, na leitura, na escritura e, principalmente, no prazer que essas nos proporcionam.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019.
- CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. 2º ed.
- _____. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da recepção e teoria do efeito**, atualizado em 26/03/2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigos/EST_RECEP_TEORIA_EFEITO.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2023.
- DINIZ, A. J. **A recriação dos gêneros eletrônicos analógicos – digitais: radionovela, telenovela e webnovela**. Porto Alegre, 2009. Tese de doutorado, 225p. Disponível em: <http://WWW.tede.pucrs.br/tde_arquivos/7/TDE-2009-11-20t165340z2214/Publico/418506.pdf> Acesso em: 04 de fev. de 2023.
- FOLHETIM. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal.; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Trad. de Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- NUNES, B. **A visão romântica**. In: GUINSBURG, J. (org.). O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2002.

RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?. IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia, n. 1, v. 1, p. 32-42, 2012.

ROJO, Roxane. **Escolas conectadas, os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVEIRA, Suélen. **Dos folhetins às fanfics: dos jornais e telas para os livros**.

Orientador: João Barreto da Fonseca. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João del-Rei, [S. l.], 2018. Disponível em:

<<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/Dissertacao%20-%20Suelen%20Palhares%20da%20Silveira-Turma%202016.pdf>>

SAMPAIO, L. P. da S. O lugar da fanfiction no ensino de literatura. Revista **Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 1, p. 314-324, 2020.

SOARES, Maria Vilani. Por que nossos alunos não gostam de ler?. Revista

Educação Pública, RJ. Mar, 2015. Disponível em:

<<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/6/por-que-nossos-alunos-no-gostam-de-ler>> Acesso em: 04 de fev. de 2023

SOUZA JÚNIOR, L. R. . A influência inconfessável - Como o folhetim formou o romance brasileiro. In: IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2011, Porto Alegre. Anais do IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2011. Disponível em:

<<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/64.pdf>>

ZAPPONE, Mirian H. Y. Fanfics – um caso de letramento literário na cibercultura? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p.29-33, 2008.